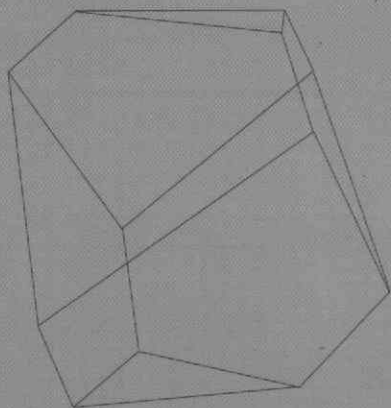




bibRIA

VIAGEM DENTRO DE MIM

ROSINDA DE OLIVEIRA

NOTA JUSTIFICATIVA

A autora professora de formação idônea e com larga experiência
na Língua Portuguesa, dá conta de explicar, com clareza,
"Viagem dentro de mim" autora jovem e de poesia.

É a quem vive ao lermos a poesia "EU" da autora podemos
sentir a beleza, a simplicidade, a pureza, a sua maneira de falar e
de pensar, ao passar a "mente livre", imaginando sempre
a forma de cada coisa.

VIAGEM DENTRO DE MIM

ROSINDA DE OLIVEIRA

bibRIA

Oliveira do Bairro

2001

bibRIA

Título: Viagem dentro de Mim

Autor: Rosinda de Oliveira

Capa: Vitor Cravo e Zé Barbosa

Ilustração: Vitor Cravo e Zé Barbosa

Composição: Tipografia Minerva Central, Lda.

Depósito Legal: 165355/01

I. S. B. N.: 972-8675-00-3

Edição da:



Câmara Municipal de Oliveira do Bairro

APRESENTAÇÃO NOTA JUSTIFICATIVA

A autora, professora de formação clássica e lídima defensora da Língua Portuguesa, dá-nos a conhecer neste seu livro “Viagem dentro de mim” outra faceta, a de poetisa.

E, é assim que, ao lermos o poema “EU” da autora, podemos sentir o desejo imenso de, com a sua poesia abraçar o “UNIVERSO”, anseio esse que neste poema tão bem consegue exprimir, ao passar o “mundo inteiro”, regressando sempre ao local de onde veio.

Qual festa de flores e versos que da alma lhe brotam, surge esta obra, fluindo em belos poemas que certamente irão enriquecer quem tiver o privilégio de os ler.

A Câmara Municipal ao patrocinar esta obra de poesia da Sr^a Professora Rosinda, fá-lo com a certeza de que irá contribuir para que se não perca no anonimato ou esquecimento uma obra que revela mais um dos valores culturais que em muito prestigia a nossa terra.

Paços do Concelho de Oliveira do Bairro, Março de 2001.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,


Acelio Domingues Gala (Dr.)

bibRIA

APRECIACÃO DO LIVRO DE POEMAS

Será atrevimento fazer a apresentação de Viagem dentro de mim de Rosinda de Oliveira. A minha palavra não tem a chancela de uma crítica literária. Ela é apenas um passaporte para a viagem pelos meandros da poesia, que me foi proposta pela autora.

Ninguém explica a música dos astros, a respiração do mar ou a sofreguidão da terra. Não se descreve o indescritível. Não se explica o inexplicável. Não se penetra a obscuridade. Que cada leitor sinta a palavra do poeta. Ninguém sente com os sentidos de outro.

E, no entanto, vou tentar deixar aqui passos fugidios deste meu percurso por esta colectânea de poemas que nos é apresentada, numa generosidade de árvore que ao vento lança as suas folhas amadurecidas pela seiva íntima que as gerou.

Conforme a poeta, a sua vida, que o mesmo é dizer a sua poesia, é dominada pelo sonho, que a transportou a marés azuis e a devolveu à terra, sendo acolhida num abraço festivo de maternidade.

As vicissitudes desta errância, entre os castelos da madrugada e as profundezas da terra, reflectem-se em toda a obra e esse peregrinar acaba por diluir-se na viagem cósmica, sentindo-se a ironia contrastante entre a magnitude do sonho e a brevidade do tempo. É esta dualidade, esta dicotomia entre a eternidade e a finitude, a vida e a morte, a loucura e a realidade, que percorre o discurso poético de Rosinda de Oliveira. A amargura resultante da consciência do efêmero é apenas atenuada pela ilusão amorosa, o único pressentimento de eternidade

241 Poesia tematicamente lírica e existencial, na linha de Carlos de Oliveira e de outras vozes poéticas do século vinte, integradora de uma cosmovisão de fogo e silêncio, de paixão congregadora da vida, ela ultrapassa os limites autobiográficos, para se espalhar numa pintura da complexidade do humano.

É a vida que se nos apresenta como um percurso cíclico, nascendo e terminando no mesmo ponto de fechamento do círculo, após ter abraçado o universo. O poema transforma-se então num mundo de luz e sombra, onde o "eu" se explica como um naufrago, num mundo em rodopio louco, que é simultaneamente o caos de todas as esperanças e o lugar proscrito e labiríntico, dominado por imagens de noite e do escuro e luzes em espasmos contidos, como se fosse um arraial de fogo fátuo.

E a inquietação, a angústia perante o conflito entre o transcendente e o imanente, a solidão, a melancolia, a ironia, um sentido trágico da existência, a comunhão de sentimentos com a natureza, evidente nos poemas dedicados à partida e ao regresso de Lamballe, a pulsão da morte, a atitude reflexiva, a relação do homem com as coisas,

Respiro
o coração da terra

a noção de brevidade do tempo,

Vêm em debandada
Os pássaros do tempo...,

a existência de um tempo antes do tempo

Há uma época
sem tempo nem lugar
em que tudo é cor de rosa
e os sonhos são todos de luar!

a sensibilidade intuitiva e a musicalidade poética da autora conjugam-se para traduzirem emoções igualmente constantes na poesia de Florbela Espanca, José Régio e Al Berto, entre outros.

A poética da autora deixa-nos antever várias rotas de exploração, recusando um hermetismo tantas vezes pseudo intelectual, para aderir, por vezes, a uma simplicidade bucólica,

Na minha aldeia
esvoaçam cantigas
de amor
nas plantas

a uma poesia de intervenção, exemplificada no poema “Dor de meninos”:

Feridos no peito
Vão os filhos sem pão,
Arrastando na lama
Os passos da solidão...

ou à representatividade da alma lusitana, que transparece em poemas como “Reminiscências”:

Trago na alma o sal amargo
Dos cascos de barcos esbarrombados
Em mil naufrágios de razões
E a carne podre amontoada
nas tragédias dos porões

.....
Trago na alma
uma cruz de rebelião

.....
Trago na alma
O arrastar da escravatura
nos pelourinhos do tempo
onde ardem fogueiras

que, não sendo tematicamente dominantes, são representativos nesta obra.

Formalmente, esta é uma poesia em que o substantivo ganha progressivamente força, com recorrência a metáforas dominantes, como terra, pássaro, vento, nuvens, mar, ondas, sonho, loucura, maré, areal, espuma, estrelas, silêncio, amanhecer, anoitecer, farrapos, cinzas, réstias, ilusão, desilusão, círculo, linho, Abril. Poderíamos denominá-la uma poesia cromática, com forte predominância do azul – a cor do mar e do verde - a cor da terra e da esperança. Também existem adjetivos, como nu, incerto, vazio,, desenraizado, perdido, verbos como navegar, escorrer, romper, abraçar, esvair-se, esgueirar-se, levar e advérbios como longe, que se repetem e se ajustam à sugestão da brevidade do tempo, confirmando a recorrência temática. Uma certa ruptura na sintaxe, o uso dos pronomes tu e teu, alusivos a um ser não definido,

como um raio de luar,

tu vieste de mansinho

(...)travo
na palavra azul
do verso aceso
da tua saia curta...

são características emblemáticas de alguma poesia contemporânea.

Mas o desalento dos primeiros poemas esconde-se agora sob a palavra de todas as palavras, que faz a autora reencontrar o sentido da vida, Essa é a palavra esperança, encontrada numa religiosidade intimista e social, no amor , na viagem para o lugar do sonho ou na sementeira.

Sendo esta poesia de pendor existencial, dominada por uma certa desilusão e melancolia, não deixa de ser também uma escrita, que é um hino

Em louvor da terra,
em louvor da vida.

Como o fogo roubado aos deuses, as palavras são as bases de mundos criados pelos poetas que a nós compete apenas intuir e vislumbrar.

Odete Ferreira (Dr.ª)

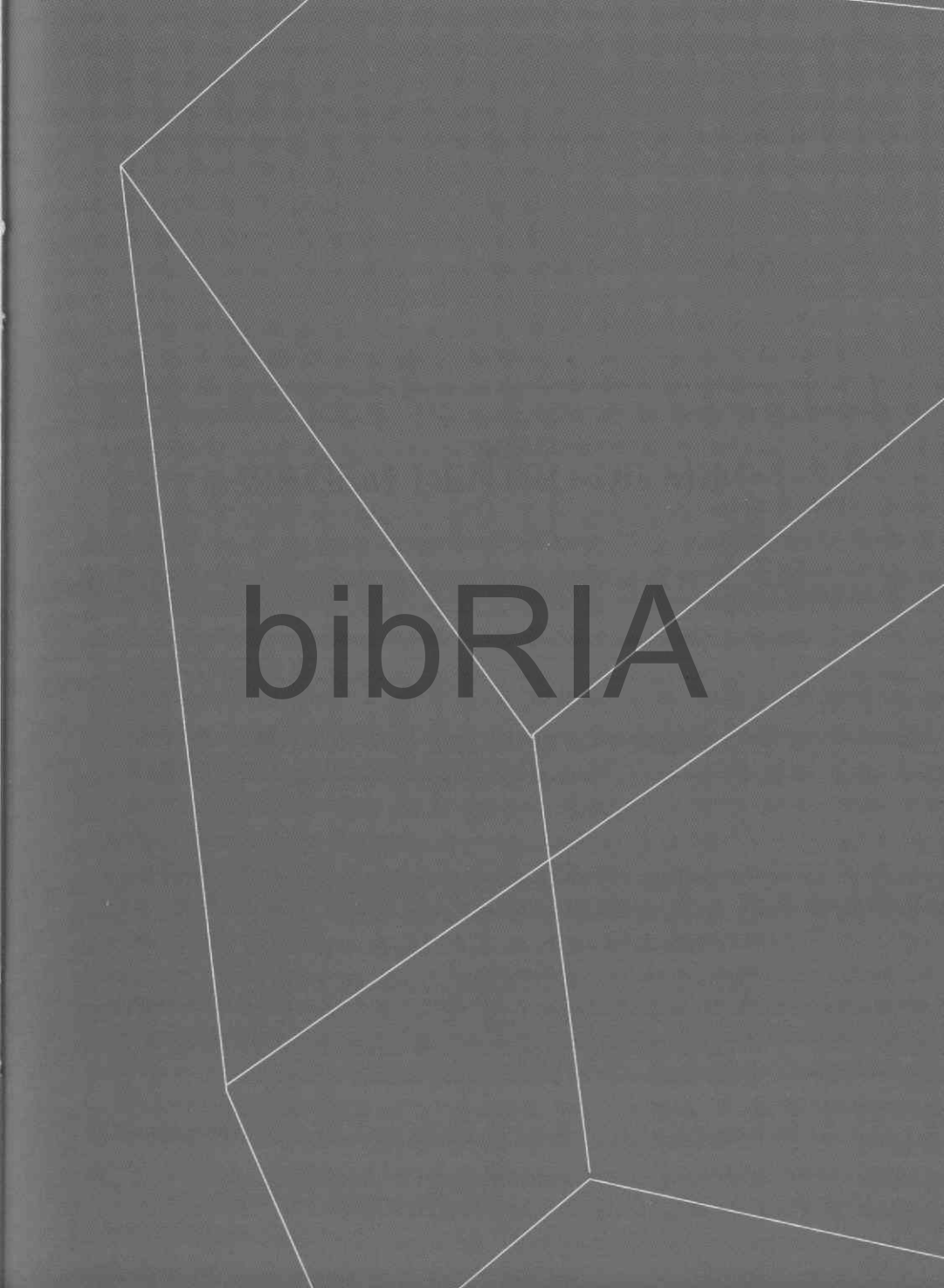
bibRIA

A todos os que sonham...
E aos que se ficam na margem da vida,
agarrados a uma ilusão!...

bibRIA

A todos os que sabem...
E aqueles se ficam no marfim da vida.
agradando a uma ilusão!

bibRIA

The background is a dark gray, textured surface. Overlaid on this are several thin, white, straight lines that intersect to form a series of irregular, angular shapes, resembling a stylized architectural structure or a complex geometric pattern. The lines are thin and precise, creating a sense of depth and structure.

bibRIA

bibRIA

VIAGEM DENTRO DE MIM

bibRIA

Minha alma e meu corpo tenho esfarrapado e lançado por aí aos bocados, nessas palavras, muitas vezes sem nexos, que voam em papéis, alguns direccionados de imediato para o lixo do esquecimento e outros rasgados, apodrecem em cadernos e agendas, livros e demais canhenhos.

E, de meus sonhos desfeitos e minhas loucuras perdidas, eis-me agora aqui, de peito aberto contra as intempéries da adversidade e as investidas dos tempos, eis-me aqui, dizia, a tentar refazer algo que me saiu das veias, das artérias, do coração, do sangue, da vida.

São pedaços fugidios de anseios, ilusões e desilusões, sonhos e fracassos – tudo argamassado com o suor do meu estro de miniatura vital de algo que um dia me pareceu descobrir no mais fundo da alma, chama viva sempre ardendo, sempre me empurrando, às vezes, nem eu própria sei para onde.

Sonhar foi sempre o meu maior deleite e a minha maior fraqueza. Com o sonho e pelo sonho, feita barco à vela, navio de âncora e ferros em riste, como eu naveguei mares revoltos, marés azuis e luminosas, flores de sargaço, talo de maresia! Como eu fui longe no meu sonho de navegar! Mas perscrutei ora também os cais e deles colhi tanto sonho, tanta ilusão, que o meu mundo de loucura irreverente, cedo deu à costa para não mais navegar. Fiquei-me então pela terra: nela mexi, remexi, toupeira, fera maninha, lagarto e cobra, gato e ratazana... Ai como eu tenho vivido a terra! Terra, mar, céu, amor, ternura, melancolia e folhas, flores, a nuvem e o luar, a estrela e o painel e eu feita centro, mundo de tantos mundos, sentir infinito num universo de tantas mutações!...

E fui-me esvaindo, dando e recebendo, sendo um bocado, um taco, um cabo – um pouco, um todo, algo do meu mundo. Onde vivo, revivo e tudo comungo – fome e agonia, sede e fartura – alma gémea desta vitalidade em que me insiro.

Por aqui, por este meu tacanho mundo vão ficando os meus bocados, os retalhos deste meu ser que nem eu própria sei bem conhecer.

E espalhada nesta mundialidade de que faço parte, eis que tento hoje aqui arrepanhar alguns fiapos soltos desses farrapos que o vento por aí espalhou.

*Agosto de 2000.
Rosinda de Oliveira*

Palavras soltas ao vento, prenhes de sonho e de mistério, mas também de dores e silêncios, gritos abafados de alma, penando na margem da vida e do tempo!...

No delírio do nada, a desfaçatez envergonhada do capitão do vento, cavalgando fogosos corcéis de asas esvoaçando, rumo aos pináculos dos castelos da madrugada!...

Onde o sonho acorda, espreguiçando na brisa fresca da manhã, seus lençóis de espuma que embalam suavemente o sono da rosa e do malmequer, do alecrim e da prima dona, andorinha em flor, na doce manhã de Abril...

E o mundo em festa, chama em brasa, queima e dilacera, ergue e louva, aplaude e ilude, enquanto nos escombros do medo, minhocas e toupeiras vão minando no subterrâneo as chuvas frescas e as melodias claras de botões abrindo na pureza do ignoto amanhecer.

No final, o encontro da vida e da morte, do vento e das estrelas, das nuvens e da saudade do mundo inexistente no mundo recriado, sofrido e amargurado nos escaninhos da loucura que o amor em vão procurou abençoar com algumas ilusões de eternidade.

A MARCUM DA VIDA

Examine-me de dentro,
Miserere da minha
condição interior,
e não me desampares
na tua ira, Senhor Deus.

PROCURO-ME

bibRIA

PROCURE-MS

bibRIA

À MARGEM DA VIDA

Jorram-me da alma
labaredas de fogo,
em mim acordam
ecos de mil silêncios
em batalhas perdidas...
E dos sonhos
que guardei
nas gavetas
do tempo,
as traças roeram,
esfarraparam
e desfizeram em cinza,
tudo espalhando ao vento
da minha solidão.

De gavetas vazias
e mãos a abanar,
vou assim,
de porta em porta,
à procura do tecido
que roído e
carcomido,
me deixou despida
das réstias de vida
que moravam
na interrogação dessas

minhas gavetas...
E de asas chagadas,
os pássaros da memória,
em voo rasante,
sem tino nem glória
vão largando
por aí,
as penas brancas
de outras tantas
desilusões.

bibRIA

10-1998

Palavras
e coisas,
flores e versos,
canções e música,
festa de ninhos,
dia a dia,
trabalhos e dores:
princípio, meio e fim...
Tudo dentro da alma,
tudo dentro de mim...
Saem nuvens e florestas,
entram barcos e marinheiros...

Vou onde me leva o verso,
passo o mundo inteiro,
abraço o universo
e descanso emfim,
no mesmo sítio,
sempre donde vim!...

EU E AS SOMBRAS

No universo louco,
desmiolado dos meus
versos, sem nexo, nem
sentido, sobejo eu
como fantasma solitário,
enjaulado nestas teias
frenéticas de sonhos
e ilusões disparatadas...

Sobram os sonhos, voam
as ilusões,
e neste círculo fechado
onde tudo acaba
em vão e à toa,

há pedaços de vida
esfarrapada, batidos
nas vidraças baças
de tanto amanhecer
sem futuro nem razão,
que a brisa passa às vezes
sacudindo as loucuras
da ocasião e levanta-se
leve fumaça, mas
tudo passa e acalma
de novo, no centro
deste redemoinho de pavor:
os sonhos deixam de brincar,

as ilusões ainda esvoaçam
e na penumbra do entardecer,
as réstias de sol longínquo
doiram de matutino
e verde rosa este resto de
viver...

Volta a calma-ria,
nada mexe, nem geme...

E o fantasma treme
um pouco, tossinha,
barafusta, arrepia-se,
mas tudo volta à calma-ria,
ao sossego de sempre...

A vida no seu limite
parou e acomodou-se
e ficou-se assim neste
labirinto tão cheio de tudo
e tão pobre de coisa nenhuma,
que a esperança só, coitada,
teve de fugir porque
aqui já não faz nada!

MEDOS

Por entre os medos
da noite e do escuro,
fui rompendo
na floresta do tempo...
No asfalto denegrido
as luzes entrechocavam-se
em espasmos contidos
no nevoeiro cerrado
de cada momento!...
Para trás o mar cinzento,
azulado e prateado
da minha vida,
assim erguida
ao desbarato
neste arraial
de fogo fátuo!

10-8-1998

INCONGRUÊNCIA

No grande palco do tempo,
a vida passa esvaída
sem sentido e sem face,
nas linhas curvas do existir...
E eu na multidão
quero resistir e avançar
até romper a solidão...

As formas têm fome
e pressa de agarrar o mundo,
de prender tudo num segundo
e é puro engano
das investidas da vida
aqui e ali vivida
por outros tantos lunáticos
que nas praias da'sperança
com febres de curtir pujança
se vão e se vêm sempre em vão.
No ritmo acelerado dos astros loucos,
desvairados pela sessão
do tudo, do muito em cada mão...

E a solidão abafa tudo...
Com tentáculos possantes
põe resmas de festança
em cada pétala que dança

no roçar da maresia...
E chama à vida fantasia
e ri-se às escancaradas
destes trapos passeantes
que querem tudo e não têm nada
da vida que passa a correr...
Eles são apenas desafios
No desatino do viver!!!

bibRIA

3-1998

PORQUÊ?

Porque escorrem lágrimas
dos meus dedos de solidão?

E ao mesmo tempo
esta canção da tarde
nos meus lábios de trigo
verde?!

Porque amanhecem estrelas
nos canteiros floridos da
Primavera
e há rosas brancas e amarelas,
à boca do nosso querer,
enquanto a vida espera,
na esquina de cada acontecer?!

E na tarde caída,
as janelas do tempo
toldam de linho e mansidão...
Enquanto as andorinhas,
nos longes dos caminhos,
se perdem na escuridão!

1-2000

QUEM SOU EU?

Sou filha da chuva,
do vento e das estrelas...
Meu berço fofo de brumas,
lençóis d'espuma,
mantas de nevoeiro
e de colchas de sol dourado,
subiu comigo às nuvens,
nas asas do mundo cadastrado!!!...

E, por entre noites de fogo,
faíscas de tempestades,
fiz minha vida de sonhos,
fantasias e demais verdades
que os furacões dos desenganos
esfarraparam em catadupas,
abruptamente, ano após ano,
à boca de todas as esperanças...

E no imenso azul celeste
que o astro-rei iluminou,
minha alma de lama
e lava incandescente
foi apanhando pétalas singelas,
nas manhãs de cada ocaseo
que as fúrias desenfreadas a toda a vela,
foram deixando à toa

nos caminhos de porvires loucos,
sem miragens nem talentos,
desfolhados em mil pensamentos
e argamassados em tempos incertos
de espaços amplos e abertos,
a toda a descoberta, a toda a prova...

Nos derradeiros dias
de sortes e incertezas,
mil facetas e azedumes
me arrastam na existência,
aos trambolhões, à toa,
sem peso nem medida,
ora fénix renascida,
ora alma aos céus erguida,
em carreiros e atoleiros
da vida pacata e sofrida,
gritante de dor e desamor!
Reposta no horizonte,
sem norte, sem rumo,
sem princípio, nem fim,
para aqui, aí de mim,
sem eixo, sem tino,
feita menino por entre flores
de mil cores, ora vermelhas,
ora cinzentos pedaços de carcaças,

QUEM SOU EU?

tudo partido
e erguido aos desafios
atrevidos e passageiros
que me tocam,
mas não cabem
na loucura do meu destino!...

bibRIA

EN DILUÍDA

Hoje enchi
os olhos de flores:
cravos, rosas, jacintos,
orquídeas, novelos e narcisos
e tudo o mais que é preciso
para enfeitar um jardim...
E fiquei assim olhando
e bebendo uma a uma
todas as flores
de tantas cores
e aromas...

De todos os recantos
passados na vida,
só ficou este jardim
onde agora por meu bem
ou mal, eu nem sei,
embriagar-me eu vim,
bebendo o rosmaninho
nas taças perfumadas do alecrim,
que os meus sonhos
por aí espalhados,
cantando e sofrendo
mágoas de feno molhado,
nos ecos perdidos
de cada valado,

foram acordando
e dilacerando
no fogo vivo
deste sangrar
tão doce e tão dorido,
que a garganta do tempo
gota a gota vai escorrendo
no meu vão sofrimento!....

bibRIA

3-1999

ENVOLVÊNCIAS

Deito-me na chuva,
Passeio-me nas nuvens
E na brisa suave do amanhecer
Vem beijar-me de mansinho,
Com olhos brancos de riso.
Cristais azuis de um novo ser...

.....
Mas na agonia
mansa da tarde,
as gardénias estendem
seu branco luar,
aspergindo estrelas esguias,
perfumadas e aveludadas,
que as abelhas ao beijar,
espalham pelo ar
desta atmosfera assim parada,
à espera dos convivas,
na toalha da madrugada...

Posta a mesa, tudo saciado,
foge a fantasia e o meu amado...
Fico eu, sempre só,
no meio do chão, cheia de pó,
embrulhada na ilusão,
com lençóis de loucura,
fugindo de mim,

sem tino, sem razão...
Não sei p'ra onde vou...
Onde irei ficar?
Fico em toda a parte,
Aqui no meu lugar...
Fico, que eu sou a solidão!

bibRIA

6-1999

INSANABILIDADE AMAR!

Amo as coisas pequenas,
como amo o sol, a lua,
e as estrelas...
Estendo os braços de boninas
na planície azul dos meus sonhos
e apanho cravos, rosas
e manjericos
como quem colhe a ilusão,
ao virar de cada esquina,
no remate fresco da viração...
Na ramagem daquela menina
que o vento norte trouxe
a esvoaçar,
qual pomba branca de asas a abanar,
secando no estendal
do entendimento,
praia do meu peito
a soluçar...
E nos búzios
da maré cheia,
a lua brincalhona
vem deitar-se na areia,
chorando saudades de longes terras,
doutros rumos, doutras guerras,
suando amargores
nos longes da lonjura,

trazendo pertos de amargura,
ruínas, flechas, dissabores
onde as coisas que eu amo
sangram cá dentro,
muito dentro,
n'alma em que me derramo...

bibRIA

6-1999

INSATISFAÇÃO

Que importa o sonho
e o que ele promete,
se os anos já são tantos
na canção dos sessenta e sete!...

O que fui, o que sou,
eu nem sei dizer:
folha levantada pelo vento,
pássaro diluído na paisagem,
vento ou ramagem,
chão, terra fofa ou dura,
aragem, neve, corisco e trovão,
palha seca, painel de verão,
tronco, rama, cardo,
tojo da montanha,
arado ou charrua,
norte ou sul, embarcação
na praia nua
onde a areia sepultou
todo o chorrilho de ilusão...
Tanta vaga a nascer,
tanto projecto sem asas
veio lentamente a morrer
vazio, oco, desnudado,
em vão, debalde,
sem qualquer resultado.

4-1999

CANTO DAS COISAS

Eu canto a flor da madrugada,
o céu azul, o lírio e as estrelas,
a espuma dos versos na terra lavrada,
o canto doirado das sereias
que nas tardes quentes de verão,
estendendo seus lençóis de ternura,
com dedos líquidos vão
de concha em concha,
de mão em mão,
à procura do anel franzido
nos goivos abertos
na palma de cada chão!

O perfume é o barco,
o mar, a lua cheia
e a terra semeada
nas minhas veias,
grita, chama, freme
pelo orvalho da manhã
onde o universo nada
nas marés da terra solta
e espreme o leite da revolta
no círculo quadrado
da encosta onde livres
pastam os peixes
que a afronta semeou,

gastou e lavrou
no galho de cada dedo
onde o mundo já passou!

bibRIA

5-1999

SONHOS ESFARRAPADOS

Embrulhada no vento,
corri à desfilada:
atravessei montes de névoa,
rompi paredes de alvorada
e nos trapos floridos dos pinheiros
colhi agulhas de trigo louro
e messes de palha lavrada
nos cavalos soltos da lua,
espalhados no rio de Setembro
onde brilha o trigo arrecadado
nas folhas virgens do lameiro...
Dormem arcas de nevoeiro
no sono azul do loureiro,
na baga do sabugueiro,
no sétimo céu do carneiro
que a pega, a rola e a cotovia
nas suas asas de penas e metal,
arrastando-se na enxurrada que havia
no meio do sonho, do pesadelo,
vão puxando para a terra,
pouco a pouco,
nas faldas erguidas
e dobradas nas mãos dos pássaros, que os fios ténues do querer
deixam à toa por aí,
um a um, até tudo desaparecer!

UTOPIAS

Embrulhei-me numa palavra,
fui com ela à desfilada:
corri montes, corri vales,
sulcos de terra lavrada...

Atravessei o tempo dos castelos,
dos mares, tormentas e outras eras,
rotas da China, gritos d'espuma,
embarcações, barcos à vela,
naufrágios de Primaveras,
madrugadas de muitas guerras,
desgraças e ambições desmedidas!...

Em toda a terra peregrina,
só achei guarida
na mesma palavra querida,
sublime de olímpicas maresias,
comigo feita aventura,
de tanta esperança perdida,
tanto sonho em vão
e tanto padecer em cada mão:
os desastres sofridos
em loucas batalhas,
guerras e canseiras,
mil mortes, espadas e p'rigos
esquecidos no pó das bandeiras!...

ENTARDECER

Cai a tarde amena:
luz estilhada
na vidraça pequena
da relva singela...

Gritos de caravela
que o sol

espreita no rubro,

baço estilhaço

de amanhecer

que fugiu, gritou,

padeceu e ficou

preso no garrampo,

colhido de fugida

com mão forte, possante,

na cortina do tempo!...

Deste tempo de morte

onde eu e só eu

sempre busquei meu norte

co'a bússola avariada

pela rota tresloucada

do meu desusado viver!

bibRIA

AOS BOCADOS

Hoje os anos
carregam-me
ao ritmo do dia a dia
e mágoas de
água pura e cristalina
escorrem-me das
minhas mãos
atadas e passadas
de azul celeste
e transparente...

Bocados de mim
flutuam
neste rio do entardecer
e reminiscências de outras eras
vêm esfrangalhar-se
em miríades de estrelas
na noite louca do futuro
apátrido e computadorizado

E no cais da inconsciência
atracam barcos de mares revoltos,
sacudidos pela inércia
de tantos monstros e tormentos,
que a vida quase pára
enroscada no areal,
aquecido aos trópicos
de cada amanhecer!

6-1998

CALENDÁRIO

No mapa do tempo
caem as folhas
da saudade e
o calendário dos
sonhos
há-de mostrar
seu caminho de fogo
onde os espinhos
e as pedras da calçada
vão ardendo
e desfazendo em nada,
de momento a momento,
as ervas frescas
do meu pensamento
e botões de fantasia
entoam mágoas da canção,
à berma da minha agonia,
pingando em cada dia
os fenos tenros
da alegria!
E tudo o que
eu mais queria
neste calendário
construído a sonhar,
era fechar
este grande livro,

com a chave
da verdade
feita na oficina
da minha saudade!

NA ESPERANÇA
DOS DIAS CLAROS

bibRIA

11-1999

CALENDARIO

Il mese di maggio
è un mese di
festa e di
celebrazioni
per tutti.

Adesso è il

momento di

celebrare

il nostro

bibRIA

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

il nostro

NATAL DE 1995

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

Leitura: uma palavra...

NA ESPERANÇA
DOS DIAS CLAROS

bibRIA

NA ESPERANÇA
DOS DIAS CLAROS

bibRIA

NATAL DE 1995

É preciso uma palavra,
É preciso uma estrela.
Vou eu procurá-la,
Gosto de ir atrás dela...
Corro pelos campos,
Pelos vales e colinas,
Grito aos ventos,
Falo às montanhas,
Aos riachos, às fontes,
Ausculto todos os montes...
É preciso uma palavra,
É preciso uma estrela.
Vem, quero que tu venhas,
Se é longa a caminhada,
Quem me agarra, quem me apanha,
Quem me leva... nas asas
Dos pássaros, no grito da cotovia?!
É urgente uma palavra,
É urgente uma estrela.
Queres que eu cante,
Queres que eu ria?!...
Vou cantar, vou gritar,
Vou falar alto...
Por toda a parte...

A todos hei-de perguntar
Pela palavra
Para eu poder comunicar...
Quero essa palavra já aqui...
Bem depressa hei-de tê-la...
Vou eu e tu já encontrá-la
Porque ela é mágica
E vai-me salvar,
Vai-me ajudar a caminhar...
Onde estará a minha palavra?
Que será da minha estrela?
Dá-me a tua mão, a tua e a tua...
Estende a outra, até à outra, à outra...
Num infinito corrimão
Até ao reino da amizade.
Onde a vida acontece
E a paz fez sua mansão...
Agarra o sonho, agarra as asas,
Anda correr atrás da fantasia...
Quem viu por aí a minha palavra,
Quem encontrou a minha estrela?
É inverno, chove, neva,
O trovão ribomba nos ares?!
Que importa, se todos vão
Em breve bater à minha porta
E o tempo acorda cheio de esperança

Num mundo de salvação?!
Não vês a aurora ao longe,
Em mil sóis nascentes d'alvorada?!
Anda pisar as brumas,
Sacudir as brisas do que aconteceu
Para além da madrugada...
Quem viu por aí a minha palavra,
Quem encontrou a minha estrela?!
Vamos descortinar a magia
Nos sons dos clarins rasgando o além.
À procura de um pouco de eternidade
Na mensagem de Jesus,
No presépio de Belém

.....
Ouçam, escutem o clamor...
Deve ser a minha palavra,
É decerto a minha estrela.
A jornada está no fim...
Encontrei a minha palavra,
A minha palavra...
Vou buscar a minha palavra,
Quero abraçar a minha estrela ...
A minha palavra
Vai rebentar em cada flor,
Vai encher o universo de ternura e paz,
A minha palavra é filha do Criador...

Celeste melodia de peregrina canção,
Chama os homens à justiça e à razão,
Torna os meus sonhos realidade...
Encontrei a minha palavra,
A minha palavra cheia de aleluias!!!
A minha estrela que vai à conquista do Além,
Estende pelo mundo fora
Seu manto diáfano de felicidade,
Agita em cântico uníssono de louvor,
Tudo o que é belo, justo e verdadeiro,
Tudo o que é bom...
E não se encontra no mundo inteiro...
A minha palavra
Acende as luzes do teu coração...
Encontrei a minha palavra,
A minha palavra cheia de aleluia!!!
A minha palavra pede aos homens
Uma mão cheia de compreensão,
A minha palavra vai comigo
Onde eu for...
Pelo horizonte inteiro, por toda a parte
Ela vai reclamar de ti
Para todos sempre muito amor,
Para todos muito amor,
Para todos muito amor!!!

Há uma época
sem tempo nem lugar
em que tudo é cor de rosa
e os sonhos são todos de luar!

bibRIA

SE A VIDA...

Se a vida
fosse um sonho
de luar,
o mundo acordava
embalado
nas ondas brancas
do mar!

Se a vida
fosse um pássaro a voar,
as aves
agitavam o vento
sangrento
na ressaca das marés a soluçar!

Se a vida fosse
farol a alumiar,
a luz rasgava
as trevas
em cada noite
sempre de par em par!

Se a vida fosse
balão a subir, subir,
haveria
em cada rosto

farinha de pão quente
p'ra sacudir!

Se a vida
fosse o vento,
namorava o chão
com a poeira
do tempo
e fazia figas
à solidão!

bibRIA

O CONCERTO

Faíscas, coriscos,
chamas e labaredas,
raios de sol,
fímbrias de glória,
o sonho a meio,
os sons atroando os ares,
um maestro sempre vibrando,
que tem nos olhos
toda a esperança do mundo
e nas palavras
o fôlego de sonhar
com gestos de mestria,
na faina dos tempos
que o espaço
alberga a fugir
em cada novo timbre
deste novo alvorecer...
Tudo parece renascer...
Avós idos d'outrora,
com vozes fortes de glória,
juntam-se a estes clamores
que o instrumental
vai ecoando
nos passos ligeiros
de jacintos em flor,
ali sentados,

olhar em papéis,
atentos às notas
e aos compassos...
Tudo treme, saracoteia...
Ritmo, melodia,
estrondo à mistura...
ora vulcões de chamuscas,
ora suavidade de prados verdes
e sempre a vida
recriada a cada cadência...
na harmonia ritmada
os sopros dos estridentes
batimentos; tudo grita,
clama, acalma, abana,
acomoda-se, limita-se...
sai em repenizados,
em sarifolhos,
sacudidelas ligeiras –
- inquietações,
desassossego,
decisões,
viragens repentinas...
abana a sala,
treme o tecto –
- é o ribombar,
a tempestade,

O CONCERTO

a zaragata, apoteose...

ovação geral...

O maestro

é todo genica,

todo ele expele música,

ele é a música

que vive fremente

no arfar do peito...

cores, sons, gritos,

flores e cravos de Abril,

rosas de Maio,

paixão e glória,

honra e fama!...

A música sai-lhe das mãos,

fervilha nos dedos

que'espalham

botões de madressilva

com a mesma decisão

com que semeiam vulcões de

fogo

vermelho vivo,

furacão louco,

tormenta

que logo se acalma

e se estende

a todos os músicos,

bilbóRIA

DO CONCERTO

se repercute
pela sala suspensa,
absorta
no compasso
da sua Filarmónica.

bibRIA

11-1998

DO CONCERTO

Os sons cortam o vento
na chama dos corações

em brasa ...

Crescem flores no sentimento,
preso no alto, solto na
alma!

Acorda a vida.

Há murmúrios de festa
nas asas crispando armas...

De solidão nada resta
e o sangue é oiro; é

frenesim...

são pássaros louros de
jasmim,

é toda a metralha,

a ternura e a navalha

dos búzios no mar da

terra sem fim!...

E neste cantar de

sementeira,

erguem-se os clarins da

guerra

e de espada ... o mundo é

brincadeira ...
chispa o dardo, cerra-se o
véu
no ventre da palavra
que diz pouco?! Não diz
nada!...

Mas eis que rebenta em
explosão
toda a sinfonia multicolor:
prazer, dor ou alegria,
suave tortura,
enlevo de maresia
na doce escala do tempo!

Há compassos de lua cheia
no céu aberto da
partitura...
E, no labirinto de
sustenidos,
rasgados no solfejo dos
sonhos,
a pauta do dever cumprido!

DO CONCERTO

bibRIA

The background of the entire image is a dark, textured grey. Overlaid on this are several thin, white lines that intersect to form a series of irregular, angular shapes, resembling a stylized architectural structure or a complex geometric pattern. The lines are most prominent on the right side of the image, creating a sense of depth and perspective.

bibRIA

bibRIA

OÁSIS -1-

Um par de namorados:
sonhos,
desejos,
loucuras...
Um beijo à distância da palavra...
Corpos virgens
enrolados na areia...
Fantasias de luar....
Cristais de ternura,
bocas sem pensar...
Na mão
a pura flor
da manhã
que o orvalho
teceu de azul
no espaço
irreal
daquele casal
saído de lugar nenhum.
Na pétala da rosa,
no talo do rosmaninho,
com olhos de estrelas,
cabelos de sol doirado,
assim deitado
no vazio
do nada,
sempre ignorado,
sozinho na sua ilusão!!!

OÁSIS -2-

Foi-se a luz,
esgueirou-se a tarde
naquele barquinho
feito de luar
e na concha a brilhar,
a sereia veio,
veio-me buscar
p'ra me levar
muito longe, longe,
lá no fim do mar,
onde os búzios
embalam
sua canção de amar...

bióRIA

PRIMAVERA

Na manhã fresca,
inundada de sol,
abre-se
o coração das flores
e das asas
dos pássaros,
a alma luminosa
da aragem
esvai-se no ar,
num sentimento de culpa
e de prazer,
carregado de boninas
e goivos a cheirar
a melancolias
do amanhecer!

A SEMENTEIRA

Respiro
o coração da terra
lavrada, fofa,
preenhe de sementeira...

E dos dedos
da madrugada,
a luz viva
do amanhecer
dança com as nuvens
no olhar dos pássaros

que as mãos
do lavrador,
carregadas
de rosas, de frutos ou flores
vão lançando
ao ritmo do viver

em cada esquina
das margens
de um outro ser!

NA MINHA ALDEIA

Na minha aldeia...
rolas e melros
de pulsos afiados
na lâmina dourada
da manhã verde
esvoaçam cantigas
de amor
nas plantas
de assobiar...
As abelhas
e as borboletas
abraçam a brincar
a alma branca
das fruteiras do vento,
erguidas ao ar
num abraço apertado
de quem semeia flores
e palavras doces,
num enlevo santo
de enamorado!

biblioteca

MEIA NOITE

Há ansiedade no ar frio da noite...
Neve faiscante vai caindo na serra
e no destino dos mortais...
As notas lentas da escuridão
fazem bailado de guerra
no riscar argênteo
do foguetório barulhento
que começa riscando os céus,
num frenesim d' alvoroço.
Corre champanhe nos copos,
evoluam-se perfumes,
vozes, gritaria em desalinho...
Abraços, beijos, extravagâncias
e outras mais coisas
sem grande importância...
Tudo cabe na noite fria,
escura e sem estrelas,
mas estrelada d' emoções,
de desejos, d' esperanças
e crianças de tranças loucas,
velhos sacudidos,

no batuque da confusão
e jovens enlouquecidos,
desgovernados,
dançando,
cantando,
vibrando
vivas e urrahs...

É a farra imparável,
vermelha, rubra, infernal,
na noite longa
das 12 badaladas
de um ano que se esvai

e outro preenhe de promessas
que acaba de nascer
e encher tudo e todos
de um rol imenso
de tantas ilusões,
na pureza singela
da neve branca,
brilhando na esquina
de um qualquer sol
da terra do arco-íris.

31-12-1998

LAMPEJOS

Bocados de vida,
raios de luz,
de noite,
de estrelas,
de luar,
de imensidão...
Tudo vai ficando
marcado,
ritmado,
amarrado
e sufocado
em cada vaivém do tempo
que cada um vive
e sonha
sem rota,
sem rumo,
sem razão,
ao acaso
do fluxo
e refluxo
da loucura
que é a vida dura
do dia a dia...

bíblia

OS DENTES DELA! DOS EM DIA DE INVERNO

Aqueles dentes!!!
Pétalas de riso branco,
faiscando lume
nas estrelas douradas
do cair da tarde...
Na boca em flor,
engolia pássaros
de fogo...

Explodiam
mãos suaves
de amanhecer
que agarravam

do sol,
da lua,
das estrelas,
do mar
e das cotovias
da madrugada,
toda a centelha
dourada
do sonho
que pairava

biBRIA

no ar,
à esquina
do céu aberto
na margem
dos braços
de cada rio

a escorrer
amores
e ciúmes,
no vulcão
aceso
daqueles dentes
agarrados
ao acaso,
sonhados
em vão...
Sonhos de fome,
unhas d'escravidão.

bibl**RIA**

UM PAR DE NAMORADOS, EM DIA DE INVERNO

A chuva,
o vento,
as árvores,
as pessoas...

A cidade –
tudo e nada
porque
nos olhos,
na face,
no cabelo,

a namorada
e ele só ele,
ele e ela,
mais ninguém,
sem cidade,
sem casa,
sem mundo...

Um e outro,
os dois
no mais profundo
da vida,
do sonho,
da canção...

bibRIA

UM PAR DE NAMORADOS
EM DIA DE INVERNO

Os dois,
mais ninguém,
círculo único...

Cada um tem
no braço do outro
sua mão perdida
por tanta vida
ali sonhada,
quedada,
ao céu erguida,
na chama florida
da madrugada!

bibRIA

9-3-1999

ME OS OLHOS DELA

O sol
e o azul dos céus,
o luar da lua cheia,
as conchas
e o mar,
as flores, os frutos
e os pássaros...

Tudo morava
nos olhos dela
e quando ria,
eu nada via,
senão uma estrela,
uma estrela bela,
luminosa...

O resto, o corpo,
tronco esguio
de ramos soltos
ao sopro
de cada Primavera!

bibRIA

LONGE, LONGE

Nas árvores em flor,
os degraus do amanhecer
espalhavam névoas de cor
por entre rostos humanizados,
bafejados pela crosta dos sonhos...
Vinho doce do desejo,
nos castelos fugidios
com ameias de conquistas,
afagava os guerreiros da gente lusa
com a força dos beijos,
soltos no ar da abstracção...
Réstias que o fogo aceso usa,
brandiam do verão em lampejos
de oração, no acotovelar dos anos,
presos na história dos desenganos...
O homem numa luta insana,
sem tréguas, sem descanso,
rompendo toda a fúria infernal,
em luta contra o tédio,
luta dura, desigual,
procurava em cada canto da cidade,
o Abril longínquo da liberdade!

MENINA FLOR DE LINHO

A frescura da manhã
e o sol que suas mãos
agarravam, ainda murmurava
em oração...

Pétalas de linho
no orvalho acetinado,
bebido no carinho
de seus olhos luz de menina.

Um raio de luar
veio do céu
e logo desceu e quis poisar
de mansinho
no seu rosto a brilhar
de pureza e encantamento!...

Rebento em flor,
caule verdejante
onde corre a seiva nova,
teu viço, teu frescor,
tálamo sagrado, doce prova
do hino erguido
em tua canção de amor...

Olha os pássaros
navios dos peixes e das rosas.

Como o mundo se vestiu
de sonhos mil
corolas de perfume
em manhãs de Abril,
p'ra te saudarem
em teu passo de borboleta,
presa à beleza das cores,
novelos de sonho,
praia de meus amores...

bibRIA

3-2000

NO PAREDÃO

Abraçados,
enleados...

O par
junto ao mar

no paredão:

ela, o coração,

ele, o violão,

frenético enleio...

Os dois no meio...

Ele doce,

não fosse

fugir

ou rir,

o seu amor!

Fulgor

no olhar

como no mar

estava aquele par,

sem ver, nem falar,

enleado,

enamorado,

pronto p'ra amar!

Um barquinho

vogava

no olhar dela;

nele,
a vela acesa
da esperança...
Era uma dança
na maresia
daquele dia
escorrendo luar...
E aquele par,
no seu barquinho,
ele e ela a navegar,
rompiam pelo sonho,
abraçando o mar!

bioRIA

9-1999

LAUDE

Em louvor da terra,
em louvor da vida,
versos singelos,
carregados de luz
e flores desfolhadas
d'encanto e esperança,
no acomodar
de cada passo,
de cada gesto
abafado, magoado,
tornado estrela,
ternura erguida
na praça vencida!

bibRIA

QUANTOS?
NO 25º ANIVERSÁRIO DA ESCOLA JOÃO
ALONSO DE AVEIRO

Vindam os sonhos e desejos
e o tempo não vos roube
Quantos?
Pensam no futuro, no futuro na vida,
e o tempo não vos roube
Quantos?
Na vida sem tempo...
SONHOS,
ILUSÕES E DEVANEIOS

bibRIA

NA VIDA SEM TEMPO...
SONHOS
bibRIA

QUANTOS?
NO 25º ANIVERSÁRIO DA ESCOLA JOÃO
AFONSO DE AVEIRO

Vinham das margens da existência,
vinham das outras bandas do tempo...

Quantos?

Passaram por ti, beberam tua seiva,
comungaram da tua essência avantajada
de porvir...

Quantos?

Olhos ávidos de saber, na ânsia de
penetrar os segredos do outro lado da vida,
tecendo sonhos de rasgados horizontes
d'esperança, em poentes inundados de
futuro...

Quantos?

Traziam na alma a flor da madrugada
dos mundos ainda por desvendar
e entoavam hinos d'alvorada na espuma
dos barcos ancorados no cais da sua
inocência, enquanto ensaiavam
os primeiros passos no mistério das
interrogações...

Quantos?

Na mira de uma qualquer réstia
de sol que penetrasse entranhas
ressequidas pelas encruzilhadas
das fomes insaciadas dos desejos
de fartura...

Quantos?

Na avidez de um esboroar contínuo
do invólucro d'aparência das coisas,
com promessas d'aventuras nunca
imaginadas...

Quantos?

Imberbes tornados maduros, quantos
forçaram tuas portas, na ânsia
de uma nesga d'amor, de compreensão,
que rasgasse fundo a sua solidão...?

Quantos?

Quantos beberam o leite doce do teu
saber, saborearam os aromas das
tuas pétalas tecidas com magia
de afecto e sabedoria?

Quantos?

Com dedos de ternura agarravam
o abc da ciência amassada na
levedura fermentada do desvendar
dos mundos abertos nas rotas
escancaradas de um qualquer progresso
sempre inalcançando...

Quantos?

Ouviam a música do sal nas asas
do vento norte e temperavam de
sonho e fantasia a sacola da realidade...

Quantos? Quantos?

Uns acomodados, outros revoltos,
feitos heróis à pressa, nas loucas
aventuras revolucionárias das
mudanças inesperadas...

Quantos?

Em luta adivinhada pelo ruir
de cadeias de gentes amarfanhadas
nos espaços inconquistados...

Quantos?

Quantos mostravam sede de vingança,
de ódios, de malquerenças?

Mas também quantos espalharam
bênçãos de amor, paz e perdão, a
transbordar de doçura num coração
exposto aos desafios da dádiva
tornada oferta pronta em cada lugar,
em cada momento?!...

Quantos?

Testemunhas de escondidos opressores
de ocultos desejos de violências
ignóbeis, quantos viram surgir
arautos de liberdades repartidas,
paladinos de rotas soltas em
mares profundos, rumando a
desconhecidos países de sonho e de

verdades ainda ignoradas?!...

Quantos?

Olhos postos na amplidão de vazios
sem fim, entre céu e mar, calcorreando
pegadas de anseios interplanetários,
sorvendo avidamente todo o húmus
do desconhecido...

Quantos?

Olhai-os nos meandros de assembleias
e nas rédeas de poderes constituídos, a
bem de públicos alargados, élites
afortunadas de ocasião...

Quantos?

Laureados nos grandes palcos dos
ideais inatingíveis, sobem os degraus
da fama e da vitória, com taças
extravasando de elixires de precárias
eternidades...

Quantos?

Mas olhai também quantos se
quedaram nos umbrais das tuas
portadas feitas guardião de saberes
multisseculares com passaporte para
um qualquer mundo cibernético –
- e se foram desenraizados e
desiludidos da vida, nas abstracções

do absoluto que toca a loucura
e o lado negro das escórias das
sociedades embrutecidas pelo
consumismo desregrado...

Quantos?

Queriam respostas para os seus sonhos,
reclamavam soluções para os seus
protestos caídos ao chão na esquina
dos becos sem saída por onde se
esvaíram sem rumo e sem glória,
na frustração dos pássaros de asas
cortadas...

Quantos?

Ao ritmo do fazer e desfazer de
ilusões, quantos vieram em revoada
na ilharga das manhãs dos tempos
por inventar, com promessas inadiadas
de um pouco de tudo e muitos nada?...
Quantos?

Enfim, nos grandes palcos do presente,
em cenários multifacetados, ao longo
destes vinte e cinco anos, gerações e
gerações continuam a saga da tragédia da
vida...

Quantos? Quantos?

3-1998

CONTRASTES

Amor – ódio,
festa azeda,
alegria – tristeza,
fortuna inversa,
roda da natureza!

Mar, riso, fonte,
folha verde,
melodia
certa,
incerta,
em cada dia!

Ocaso
no horizonte,
trigo verde
do monte,
rouxinol
na mão,
lírio roxo,
salvação...
Olhos fúteis,
desnudados
no verso simples
de cada vão,
erguem-se ao céu,
linhas erectas,
verdes, soltas,
em oração!

10-07-1998

ENTARDECER -1-

Fogem os pássaros da memória...
E o vento da razão
varre meus dias vazios
de esquecimento...
Nas praias sem glória,
as gaivotas brancas
do entardecer
batem as asas
na monotonia
do ritmo lento da agonia
que espera a noite
dos fantasmas em cada dia!!!

bibliA

bibRIA

The image features a dark, textured background with several thin, white, geometric lines. These lines form a series of interconnected polygons, including a large pentagon in the upper right and a smaller one in the lower right. The lines are sharp and contrast sharply with the dark background.

bibRIA

bibRIA

AUS PRAIA

Um areal de corpos bamboleantes,
meio nus, atordoados,
um mar de sonhos alados
e os passos incertos do tempo
de crescer e ser gente
num universo qualquer...

Andam vozes no ar,
joga-se à bola, gritam crianças,
há gaiivotas d'esperança
rasando castelos de areia
e em cada búzio lavrado,
gritam futuros de sereia,
abertos na palma da mão
que a espuma das marés
vai batendo com ilusão
em cada barquinho de papel
que sonhámos neste verão!

AGOSTO

Sol a pique, escaldante,
sobre corpos negros, bronzeados,
num mar de vozes e ruídos
que se erguem a cada instante
do areal de ilusões
onde se estatelam esperanças,
dores e corações
que a brisa do mar
eleva aos céus
de cada pensamento...
E na multidão
espojada na areia
onde as cores se confundem
e as vozes se unem
em timbres musicais
de ocasião,
o mar é um vulcão
com lavas de maresia
e velas de ilusão!

1998

AOS VIV' ARTE

Ei-los
que irrompem pelo sonho
com asas de madrugada,
plantas mágicas de luar,
chapéu de nuvens azuis
nas mãos,
no corpo,
na alma
vão acendendo estrelas
à luz de cada alvorada...
Punhos de espadas cerradas,
brancas farpas de ilusão...
na liberdade inventada
crescem louros cegos de razão.
E soltam cavalos,
gritam furacões,
agridem céus e terra,
na loucura frenética
do inventar
histórias-pessoas vivas,
dedos de olhos erguidos
em atmosferas
do longe a conquistar...
E vão pela quimera,
seguem nos braços
esguios dos prados

e dos sultos
já esquecidos
da memória de cada tempo...

Reencarnam o conto,
Refazem a vida,
constroem a ilusão
com pérolas vivas,
desprendidas

do coração das coisas,
das flores, dos frutos, das fontes,
da terra-mãe,
no sagrado vaivém de raízes
do sol nascente...

Brilho de palavras
a cantar

nas arcas dos mistérios
aferrolhadas,
sacralizados

na miragem de toda
a esperança

ainda por inventar
em cada pétala,
no abrir de cada sorriso
nascente nas veias quentes
da canção – praia
perdida

na utopia
dos castelos da lua cheia
molhada de horizonte
nos lírios fulvos
de cabelos soltos
do amanhecer ...
... Ideal !...
caminho aberto
de um porvir
ainda incerto,
sempre a descobrir

bibRIA

DEVANEIOS

Há favos de mel
nas colmeias do arco-íris
e na habitação da esperança
florescem gerânios de água
nos canteiros abertos no coração do luar...
Os pássaros de fogo a abanar
vêm beijar os muros do silêncio
onde dormem as noites verdes
numa cama fofa de prata
que os relâmpagos das janelas
a correr e a fugir por elas
vão abrindo de par em par na escuridão
que invade tudo, o ar e a casa,
os montes de algodão, os lagos de cada mão
e as fontes fugindo, correndo,
chorando orvalho, sombras, luzes e flores
na escancarada boca do vulcão!

6-1999

SENTIRES

Com dedos de solidão
e farpas d' amargura
vamos rompendo os tempos
na neblina de cada amanhecer...
E, por entre névoas d' amores e ódios,
na aparição de campos abertos,
o arado das sementeiras
vai sufocando espinhos na carne,
abrindo clareiras nos ócios,
sulcando no porvir
os gérmens das flores sazonais
no mundo de todos os acontecimentos.
Fenecem no oásis as aves do paraíso,
no espasmo do fluir das ondas
e na maresia dos mares da vida
colhem-se verdorengos e amargos
os frutos moles de cada estação!...

10-1998

FIAPÓS DE SONHO

Na dança das folhas
verdes d'esperança,
há uma praia aberta
onde ninguém se cansa
d'espalhar os seus desejos
na areia branca
dos troncos floridos
onde brincam pássaros,
pássaros brancos
e azuis entoando
no ar
sua canção aberta
onde o mar
a toda a hora
novas rotas desperta
e a menina chora
seu choro molhado,
batido e guardado
no coração das ondas
que o mistério do sal
num vaivém
prolongado
vai levando pelo areal
em rendilhado núveo
de coral
que a tarde beija
lentamente,
lentamente devagar!

6-1999

NA AREIA

Suave mornidão,
mar fremente de ilusão!!!
Na areia cantam búzios
sua canção de embalar...
De par em par,
fragas metálicas
crispam ventos
na tarde doirada
da vida estendida
nesta planura salgada,
erguendo mãos,
batendo asas,
afagando o pão
nas casas
brancas, luzentes
de cardos agrestes,
trazidos na ressaca
do vento leste!!!
No abrir da manhã
onde o riso, o lírio,
a salva e o delírio
são festejos do dia,
gritam na noite
a raiva, o ódio e a alegria,
numa confusa, louca,
desvairada, trancada
e dobrada transvia,
na rota daquela estrada!

9-1999

MESCLA

A rosa e o cravo,
o espinho e a faca
e na boca o travo
da lenta agonia
feita colher,
concha, pena esguia,
taça do acontecer!!!...

No céu jasmim,
junquinhos em flor,
lançados assim
contra a vidraça
do anoitecer...

Flores, flores
em chama,
fogem,
batem à parede
do sonho, da ilusão,
matando a sede,
pedindo perdão
ao amanhecer
deste vaivém
de desilusão!

PAPÉIS

Mundo de papéis...
rios de fogo,
cristais de luar,
almas de corcéis,
sonhos a navegar...

Longe – perto,
aqui e acolá,
ontem e era uma vez...
Não sei se aqui está,
mas talvez ali...
no céu, nas estrelas,
no mar, no deserto!...
na floresta! Onde vivi!...

Tantos sonhos, quimeras de
ilusão!

Tudo nos papéis,
num universo sem coração,
mas cheio, tão cheio,
que por ele sempre vão

10-2000

nascendo, vivendo e morrendo
mil amores de paixão,
uma mão cheia
de enganos, muitas alegrias,
festas e fantasias,
num turbilhão que
a vida sempre agita
no rosário de meus dias!

bibRIA

FORA DO TEMPO
FASCÍNIO DAS LONJURAS...
PEQUENAS ILHAS NO MAR DA
VIDA!

bibRIA

bibRIA

FÚRIA DO MAR

Mar revolto, bravo, zangado...
Quem ferveu tuas águas d' espuma
e encheu de cólera teu ventre
de crinas soltas de tanta fúria?
Há deuses furibundos
espumando coriscos e trovões
dentro das tuas entranhas
loucas, aguerridas,
cegas de raiva e paixão...
No teu dorso de gigante
trava-se argentea batalha:
chove metralha em rodopio,
teus cavalos soltos, agoirentos,
galopam enfurecidos na maré
e nos voos hercúleos das tuas asas
soltam-se enfurecidas
mil penas de açoites e desastres
que as gaivotas escorraçadas
vão cuspiendo por aí ao desacato,
embatendo na rocha,
ferindo o barco e o menino,
alvorçando o homem e o chagal,
o cordeirinho e a rolinha mansa -
- todos esperando em vão,
um intervalo meigo,
um pouco de bonança...

1-1-1999

(A CAMINHO DE LAMBALLE) -1-

Com tentáculos afiados de solidão,
a tarde quente vai queimando
na alma e nas fragas da mão
fresca, seca e dura, o pão
lêvedo da atmosfera
nas conchas perdidas da areia,
suaves frutos de inocência
cheirando a maturação, qual sereia
nas águas da exaltação!...

Corpo preme na ondulação
da brisa suave do amor primeiro,
chuva espojando a terra dos canteiros
floridos no coração da guerra
onde tudo começa e o fim encerra
dos seres, das coisas, dos prantos
e de tantos e tantos momentos
de alegria e dor, gozo e tormentos...

10-7-1999

(A CAMINHO DE LAMBALLE) -2-

O sol, o verde,
o azul do céu,
o riso dos jovens
e este véu,
cheiro de rosmaninho
nas mãos doces
do passarinho
que saltitante
poisa de ramo
em ramo
sua canção em flor
saudando o verso,
espalhando a cor
na natureza
prenhe de tanto amor!

biblioteca

10-7-1999

(A CAMINHO DE LAMBALLE) -3-

A inocência do menino,
a frescura dos campos,
a limpidez da água clara
e o azul dos céus
no teu olhar
de gaivota erguida,
perdida no mar
da nossa vida!

Flor, cardo,
bonina, amor,
celestial aroma
no chão lavrado
de cada brado
da tua boca
sem riso
e sem cor!

Dedos com flores,
olhos de mil cores,
mãos p'ra agarrar
riso de estrelas,
sonhos de encantar
num mundo todo feito
magia em que deito
meu barquinho de luar,
noíva ardente para amar!

10-7-1999

(A CAMINHO DE LAMBALLE) -4-

Quando sonho,
o horizonte
é o mundo
no mais profundo
do meu sonhar!

A flor
e o amor,
o chão
e a mão,
o barco
e a estrela,
coisa mais bela
não há
p'ra eu amar!

Ilusão,
praia aberta
no pranto
da canção...
Sufoco amargo,
doce travo
de oração!

Quando acordo,
o mundo

é o oceano
onde meu pranto
perde o encanto
no profano
rincão
do chão
e do pão
fechado
na palma
da mão!

Sonho a voar...

O mundo,
aeroporto
para embalar
vai comigo
no meu sonhar
até se perder
no ar
do meu sofrer
e se evaporar
e ficar
em nada,
nada de sonhar!

bibRIA

10-7-1999

(A CAMINHO DE LAMBALLE) -5-

O trigo,
o chão,
a espiga
e o grão...
Amor,
coração,
farinha
e pão!

Amar,
encantar,
servir o Senhor
com alegria,
com ardor...

Toque de Avé-Maria
na canção
lavrada
na palavra
sagrada
do coração!

O amor
é flor
cor de jasmim,
pétala de linho,
coração de cetim

no pão da palavra
feita oração
em cada lavra,
festa canção
na alvorada do teu coração!

Um molho
de trigo,
um ramo de flores,
um braço amigo
p'ra sarar minhas dores!

Chorar, sonhar,
sonhar, chorar
e a ferida aberta
à espera de encontrar
num dia qualquer
remédio na hora certa!

10-7-1999

PARTIDA DE LAMBALLE

Nuvens carregadas,
sorvendo quimeras,
abafando sonhos,
libertando ódios,
dores e carinhos...
E no chão lavrado
nas asas dos passarinhos,
o voejo das borboletas,
rasando a terra calada,
solta gritos patetas
na velha estrada
cruzada no coração
das coisas simples,
sem boca, nem razão...
Os filhos do prazer
nos sulcos da terra vão
largando e gritando
tempestades de fúria,
coriscos de maldição
no inferno vivo,
nascido na minha solidão,
nascido no seio da multidão!

15-7-1999

DESPEDIDA (LAMBALLE)

Uma tempestade
atravessa os ares
cortando e dilacerando
rosas vivas aos pares...
E nos campos loiros
onde dorme o trigo
da abundância,
as saudades são tesouros
que vão comigo
no barco embandeirado
rumo àquela ilha
no coração da madrugada
onde toda a explosão é filha
do sonho, do vento, do tudo,
do nada!

15-7-1999

(A VIR DE LAMBALLE)

Negra corre a estrada
na negrura do temporal
e para meu bem ou mal,
os filhos da madrugada
passam afoitos pelo caminho,
sem rumo, sem alvorada,
com passos negros de azevinho,
brilhando ao sol dependurado
nos painéis de cada vazio
onde das estrelas o brado
invade restos d'algum brio
que o chão encharcado
de amor e sangue
derramado
no anoitecer da estação
vai pingando lentamente,
lentamente em vão,
até se esvair
e desaparecer, desaparecer
num louco florir
desolações!

15-7-1999

bibRIA

NA MÃO DO TEMPO
SEM AMOR GRATUITO

bibRIA

NA MÃO DO TEMPO
SEM AMOR GRATUITO

bibRIA

TRAVO

Travo, leve travo
na palavra azul
do verso aceso
da tua saia curta...

Travo, leve travo
na cabeça louca,
cheia de sonhos
cor de rosa
que esvoaçam
ao vento da fantasia
na tarde morna, doirada,
a escorrer alegria
nos teus gestos
inconsequentes!

7-6-1998

ENGANOS E DESILUSÕES!

Como um raio de luar,
tu vieste de mansinho,
muito de mansinho,
p'ra aliviar um pouco
este meu penar...
Mas como a luz
e o fulgor do relâmpago,
te foste ligeira
por entre
meus dedos de espuma
e me deixaste
nesta solidão
onde sempre estão
meus pensamentos
e meus tormentos,
sem voz e sem razão,
mas que sempre vão
atribulando o meu viver!
Clarão de fogo fátuo,
engano de imaginação!...
Em cavalos de nevoeiro,
fogem a galope
minhas ilusões
e só restam no fim
farrapos de sonhos vãos
que às vezes

ainda acordam
madrugadas
de tempos idos,
em rios perdidos
de vales e montes,
fustigados pela tempestade
de muito desejar,
mas nada alcançar...

E ficar assim,
presa sem idade
para continuar
a poder sonhar...
E para quê?!

Se a vida continua
na verdade
nua e crua
de uma grande desilusão?!

bibRIA

4-8-1999

ENGANOS E ILUSÕES!

VIÇO

Flor, estrela, poema,
raio de luz
diadema
nos teus dedos
de luar!

Luz, vida, sal
e mar p'ra navegar
nas ondas do teu olhar
onde tudo brilha
e é belo!

De manhã e à noite
na frescura fugidia
da gaivota a voar,
as palavras de maresia
tecem algas verdes
na espuma prateada
dos barcos soltos ao vento,
sem amarras
nem lamentos
no areal dos teus pensamentos!

biblioteca

ESPERA

Estou à tua espera, meu amor;
Vem, vem abrir-me o caminho
das estrelas, do luar, da cor
do arco-íris... Vem com teus pés de linho,
vem, há murmúrios de leite
na luz branca do amanhecer...
A noite foi-se e no aquário
da saudade abriu-se a porta
verde do sol da madrugada,
com doçura do mel silvestre
das abelhas de flor em flor,
na mão cheia do pó da estrada
onde brilham os diamantes
da ilusão, presa à raiz
da sofreguidão e abrem
os jacintos suas corolas
macias de algodão,
espalhando aromas de azul
no azul etéreo da escuridão...
Vem, vem pegar-me pela mão,
olha os frutos louros
como caem na espuma da imensidão
onde o mar, as ondas e a areia
enrolam mansas canções frescas
em grutas salgadas na oração
do entardecer que acorda em nós

as flores de tanta e tanta ilusão
inspirada na tua espera, meu amor,
como os galhos dos pássaros abrindo o coração!

bibRIA

9-1999

VAIVÉM DO DIA A DIA

Dividida
entre a terra
e o papel,
a panela
e a caneta,
vou construindo
o meu barco à vela,
meu painel, meu batel,
minha verdade
sempre procurada!...

Vida rude,
conturbada,
embarcada
em mil ilusões,
entre o sonho
e a loucura,
o fantasma da realidade!
Continuo à procura,
sem descansar,
sem parar,
de um pouco de sol
que venha dourar
o meu amanhecer
de cada rota,
o meu acordar

de cada utopia...
E à solta
e à debandada,
num mundo
todo feito
de um tudo de nada,
vou-me assim
arrastando,
sem norte, sem guia,
procurando em cada dia,
um trago de azul,
uma manhã verde...

bibRIA

Borboleta ao sabor
de cada maré,
de cada grito
solto na alma,
presa no tronco
de um qualquer valor,
varrido pelas cinzas
no borralho da minha dor!

CHORO

A alma
foi caindo aos bocados,
escorrendo das árvores,
das flores, dos animais,
das casas, dos pássaros
e dos frutos...

E nas lágrimas
do vento,
em oração
dolente,
triste
e perdida,
evaporou-se
nas nuvens
e nas mágoas
de um tempo
já despojado
de qualquer
réstia de vida!...

biblioteca

TUDO SE FOI!

Escancarada
a boca do tempo...
Tudo por ela se esgueirou:
as árvores, as casas,
as flores, os pássaros,
o fogo, os rios e o mar...

Por isso,
no espaço vazio
de coisa nenhuma,
as garras do vento
amarfanham a alma
e colhem o fresco
nos punhos cerrados
do vazio cheio
de ilusões perdidas...

biografia

QUANDO A MEMÓRIA DÓI

UMA HISTÓRIA DE LUGARES E TEMPO

UMA HISTÓRIA DE LUGARES E TEMPO

UMA HISTÓRIA DE LUGARES E TEMPO

UMA HISTÓRIA DE LUGARES E TEMPO

ÁREAS DE TEMPO
DORES, AMARGORES
E REVOLTAS

bibRIA

bibRIA

QUANDO A MEMÓRIA DÓI

São duras, as linhas do esquecimento,
doem as rectas da lembrança,
no coração ainda a sangrar...

E daquela tarde qu' ainda lamento,
trago um triângulo que dança, dança,
perdido no peito e nas vagas do mar.

Palavras, palavras, feitiços de luar,
companheiras de tantas horas
esvaídas naquela hora a doer, doer até matar...

Doridas, secas na fonte,
paradas no círculo fechado
daquele fechado horizonte...

Por ali se espalharam,
sem vida, sem norte,
sem luz e sem voz...
Naquela tarde d'angústia,
naquele tempo feroz...

Seca a fonte,
parado o rio,
contido o mar
da fogueira acesa,

perdida a navegar,
restam os farrapos
dos sonhos de luar
que sonhámos um dia
e destruímos a cantar,
tapando a dor que corria
no fundo da alma,
sempre a soluçar!

bibRIA

ENTARDECER -2-

O sol vermelho, vivo,
era uma bola enorme,
cheia de sangue que
escorria sobre as neblinas
pardacentas do entardecer...
E nas chagas abertas
em cada peito premente,
aquele sol enorme, ígneo,
de metais reluzentes,
estilhaçava qualquer furor
de tentativas vãs de resistir
a destinos cruéis, plangentes,
de raivas incontidas e dormentes
que os peitos a arfar na frente
daquele sol redondo, enfurecido,
gritavam às nuvens pardacentas
que fugissem da estrada aberta
àquele grande sol agoirento,
qual coração arfando de tormentos,
batendo loucuras sem tino,
sem ritmo, sem conta
nem medida no deserto do céu
esvaído de alvas luminuras,
erguendo-se assim lá nas alturas!
Afronta agreste ao nosso sofrer,
ao nosso tormento aguado

das coisas vãs e sempre loucas,
em todas as manhãs do tempo
escorregadio em cada amanhecer,
em cada noite, em cada entardecer!...
O sol está louco como eu:
roda como nave à deriva
e foge do desafio da vida,
vogando no universo sem tino!
Sol tolo, idiota e cretino,
por que me atormentas,
por que foges de mim sem razão?
Não vês que já sofro mesmo em vão,
sem conhecer teus rumos, teus desígnios?
Vem, traz dos tempos idos a ilusão,
doura um pouco o meu presente,
vem rasgar este manto de solidão
e derrama teus raios luzentes
no encalço do meu coração,
que louco como tu se
esvai dolorido por estas bandas
da vida perdida nos becos
da existência sem saída!

REVOLTA

Era uma manhã de estrelas
com pássaros de fato azul...

As árvores falavam
a língua dos sonhos
e as flores enfeitavam
os canteiros da meia-lua...

Ainda a noite morava
nos castelos do esquecimento
e na viragem de cada esquina,
pairava o chão doce da cotovia...

Mas atento, bem atento,
com a serenidade de quem afina
as cordas de um novo violino,
Zé Ninguém atrevido,
faminto e esfarrapado,
nos seus braços de céu erguido,
estrelas mágicas nas mãos,
revoltado, hirto e desaforado,
ergue-se das nuvens do nada...
Vista toldada em chamas,
alma danada,
soltando fomes e frios
de mil anos e anos de desvarios...
Num grito de trovão,

atroando frutos e pão,
derrubando muralhas,
sacudindo em furacão,
peias e amarras
de tanta geração!...
Das cimeiras do seu destino,
brado louco de desatino
faiscando relâmpagos de trovão,
envolto em guerra e vulcão,
chamas de fogo, afrontas de solidão,
grito levantado na febre da canção,
bate o pé no cimo da crispação,
terramoto de fúria,
clamor de maldição:
Basta, basta, chega
de tanta exploração!!!!...

COMO EU SINTO!

Não escrevo tudo o que sinto,
mas sinto tudo o que escrevo!...

Folhas douradas, amarelecidas,
tombam das árvores em redemoinho...
No chão enovelam-se mortas,
suspirando, cantando baixinho...
Gemem de saudade das seivas,
da brisa e do vento forte;
esmigalham-se na terra negra,
desfeitas, apodrecidas no sonho da noite...
Pobres folhas, caindo tristemente!...
Ontem frescura verde, vicejante,
paraíso de cores e sons cantantes
e hoje, cama fofa e quente
das chuvas, dos pássaros e das sementes.
Morrem para dar vida nova
à terra, às flores, à sementeira...
São como a vida humana
que se vai acabando,
se dando,
até à hora derradeira!

COMO BU SINTO!

bibRIA

The image features a solid black background with several thin, white, straight lines that intersect to form various geometric shapes, including triangles and polygons. These lines are positioned primarily on the right side of the frame, creating a sense of depth and structure. In the center of the image, the text "bibRIA" is displayed in a bold, sans-serif font. The letters are a dark gray color, making them stand out against the black background. The overall composition is minimalist and modern.

bibRIA

bibRIA

DOR DE MENINOS

Pássaros caídos,
asas cortadas,
sonhos desfeitos
na manhã enevoadá...

Feridos no peito
vão os filhos sem pão,
arrastando na lama
os passos da solidão...

Sem rumo, sem leme,
sem destino no porvir,
revoltados na maré,
meninos sem mãe,
sem pai, que não sabem sorrir...

Vão pela rua sem tino;
na dor rebenta seu ódio
de tudo e de todos; matutino,
inseguro, desfraldado
no vento das desgraças,
seu estro denegrido
vai de zorros a arrastar
pelas ruas sem sentido...

Seu horizonte fechado,
de grilhões amordaçado,
à toa e à deriva,
vai-se arrastando
por aqui, por ali, em vão...

E do rosto pinga dor,
escorre revolta,
chove trovada...
E nada, nada
consegue afastar
este destino cruel
de menino homem,
doçura tornada fel...

Amargura na alma,
noite no coração,
bate-lhe o chicote
nas feridas,
escorre-lhe o sangue
da palma da mão.

Quem te feriu?
Quem te bateu,
quem te amordaçou?

Porque sangra
teu coração,
porque dói teu olhar?
Que pesadelo carregas nessas entranhas
a soluçar?

Menino triste,
filho da'scuridão
que não sabes brincar,
nem amar,
nem chorar,
nem gritar
que a vida é tua
e a deves agarrar!!!

biblioteca

QUADRO DE DOR

As flores escorriam sangue
e os olhos d'água
da mãe Natureza
velavam por sobre preces brancas
dos lenços esvoaçando
no adeus derradeiro
onde os pássaros negros
da multidão
rasavam fúnebres,
agitando as asas
nas lágrimas da solidão...
Um choro de linho
subia aos céus
nas harpas da saudade
e melodias de carinho,
envoltas na mansão da morte,
rolavam de mansinho
no último sono perdido
daquele rapazinho
para sempre adormecido.

Ia a enterrar a juventude,
a força, a vida, o amor primeiro.
Fora-se tudo:
o sonho, a ilusão e o dinheiro...
Ele... inerte nos seus 23 anos,

gelado no meio da brancura,
contraste flagrante
com a febre da loucura
do frenesim apressado,
na rua,
onde o ritmo vital continua...

Roseiral em botão,
ceifado no azar da encruzilhada.
Presa ao chão,
amargurada,
a mãe,

grito desesperado,
amortalhado no amargor
daquela última visão:
o seu menino,
ali a seu lado,
naquele caixão,
sem fala,
sem olhos,
sem voz,
sem razão...

Porquê, Senhor?!
Tanto luto, tanta dor,
que a alma sofrida,

QUADRO DE DOR

sem cor, sem vida,
p'ra ali ficou
no deserto cruel
daquele louco destino
que a voz do sino,
insensível,
apregoava na cidade,
sem dó nem piedade,
badalando,
badalando,
naquela nua e crua realidade!

biblioteca

MENINA SER!...

Tinha o sol nas mãos,
no olhar as estrelas
e a boca abria-se
em risos rubros
que o luar da manhã
espalhava nas coisas adormecidas!...

Pássaros esvoaçavam em volta
e do ar carregado de aromas
caíam fimbrias néveas
por sobre o amanhecer da vida
ali parada, sentada à espera
de um qualquer acontecer.

E acontecia. Era já tarde!
Badalava o meio-dia
e erguendo-se a menina,
corpo diáfano de bonina,
na transparência do que é puro,
abrindo as asas mansamente,
grita a sua alma e, de repente,
contra a brutal força dos muros,
ergue-se num ímpeto de brados,
soltando coriscos, gritos alados,
de vale em vale,
colina em colina...
É a força da alma,
a chama da razão,

mil revoltas de menina,
sufocada ao nascer:
relâmpago, raio e trovão.
A liberdade de um outro ser.
Saído do seu coração!

bibRIA

UNIDADES DE INCIDÊNCIA.
SUFOCOS.

bibRIA

UNIDADES DE INCIDENCIA
SUFOCOS

bibRIA

SÓ

Nas veredas do medo,
abriu a flor do linho
e nos escombros da verdade,
veio poisar devagarinho
por entre tochas de claridade...
Teu corpo azul de rosmaninho...
E inerte assim sozinho...
p'ra ali ficou abandonado,
sem um ai, sem um carinho,
à sombra mansa do cansaço...
Quando as nuvens acordarem...
eu nem sei se choro ou que faço
neste turbilhão do teu sofrer;
fugir ou ficar, pouco importa:
p'ra te ver assim, em tempo de ceifa,
sem ceifador, partido, magoado,
Batendo apenas àquela porta!?...
bibRIA

1-1997

SENTIR DO EGO

Tarde, jogo.
Ninho e fantasia,
mar e fogo
na minha agonia!...

E o esvair
na mão
da flor, da rosa,
do cheiro
macio do botão...

Trazem à boca,
nos laivos da solidão,
o céu, o inferno,
o mundo,
neste prado verde
feito bola de neve
no martírio diário
em que me afundo...

Navios à solta,
pássaros esvaídos
passam ao largo
da vida perdida
nos caminhos
do mundo!...

Noite enorme
no abalo profundo
do tudo, do nada
fermento d'espuma...

Praia sagrada
do meu sofrer,
do meu viver
a morrer aos poucos
em cada instante,
em cada segundo!...

bibRIA

7-3-1999

VÃO-SE OS NETOS

Ainda há pouco
era uma festa...
a sala ria às gargalhadas,
o soalho, à hora da sesta,
jogava Gameboy, Son Goku,
Pokémon e, decerto, mais nada,
mas chilreios de pássaros e
andorinhas pousavam devagar,
devagarzinho, naquele ninho
ainda de penugem e céu lavado...
Lá fora tudo corria:
os galhos sorriam,
louvavam a alegria
e o dia pachorrento,
embalando assim
cada momento,
juntava-se também,
espalhando perfumes de alecrim
na azáfama louca
dos dois rapazinhos,
sozinhos, olhos no ar,
a correr, a rir, a saltar...

Tudo dança, canta
e joga com aqueles meninos
e até a natureza,

vendo assim tanta beleza,
se vai ficando encantada
e amarrada àquele momento
único que não volta mais!...

Vão-se os meninos...

Tudo volta à pacata nudez
do já passou... era uma vez.

Fechou-se a alegria,

trancou-se a porta do riso!

Já não resta qualquer magia...

Só a voz da razão,
talvez, ou da solidão:

já tens idade

p'ra ter juízo. É verdade:

não vou esquecer a lição!

VÃO-S NETOS ELE

Na sala florida em vão,
perdido, desfigurado,
na encruzilhada
de cada geração,
ei-lo farrapo,
de pé, fronte lavrada,
na terra de tanto pão!

bibRIA

SOLIDÃO COM VIDA

Há quilos e quilos de solidão
em cada metro do teu olhar...
Há rios e rios de escravidão
em cada fluir do teu pensar...
Mas vem, as estrelas escorrem
ouro
nas pétalas da nossa rua por
desvendar
e as papoilas cobrem de prata
as raízes d'acucenas aqui aos
pares...
Vem, não tenhas medo,
não fujas desta solidão,
o sol ainda vai brilhar
e as pedras ainda vão dar pão!

bibRIA

PASSAROS DO TEMPO

SEM TEMPO...
SANGUE CARREGANDO
HISTÓRIA

bibRIA

SEM TEMPO...
SANGUE CARREGANDO
bibRIA

PÁSSAROS DO TEMPO

Vêm em debandada
os pássaros do tempo...
Com suas asas de espadas
invadem minha alma,
esfacelam minhas entranhas
e trazem amordaçadas
de atmosferas irreais,
mil carcaças de chacais
sedentos de luz e sangue,
devorando lipos e seivas,
sorvendo das veias o vigor...
Entumecidos os gomos,
Sem raiz, sem folhas nem flor
vão-se ficando nas leivas
da terra lavrada, abafada,
à espera de nova sementeira.

INFERNOS

Nos charcos da vida
chafurdam rosas, coitadas,
decepidas sem dó nem piedade,
sem nome, sem idade...

Teimam levantar cabeça,
arrastando os grilhões
dos punhos serrados
por entre neblina e multidões...

Vagas incolores, desertas
de sorrisos, de bafos, de ternura!!!
E neste chafurdar d'amargura,
nuvens turvas, cinzentas

esvoaçam e entrelaçam
réstias de futuro ainda desejado
na cibernética dos tempos idos
e pedaços entumecidos de lama
batem e rebatem no lodaçal
acordando e repelindo
multidões aladas de insectos
devoradores e mesquinhos,
fugidios e esganiçados
que perdem na aclamação
fogos fátuos que por cima vão
abanando, sacudindo
as poalhas da escuridão
que teimam viver, viver

24-5-1998

nestes caminhos de podridão!...

Mas os ventos abalam,

as brisas param, sussurram

num último protesto, num

lamento esganiçado

de reinos perdidos, acabados

e o charco acalma, abafa

todo o reboleiro vivacente

que lá permanece até

novo chamamento, a cada

presente que no tumulto

das idades se fará realidade!

biblioteca

REMINISCÊNCIAS -1-

Trago na alma o sal amargo
dos cascos de barcos esbarrombados
em mil naufrágios de razões
e a carne podre amontoada
nas tragédias dos porões
onde há gritos infernais
de tanta algema ferroadada
nos tornozelos dos pés,
sangrando raivas e dores
sufocadas nos alçapões
de tanto desespero em vão.
Dos olhos húmidos, vazios e ocios,
esganiçados no tempo
de trombas de água, fogos
e tantos, tantos rancores,
escorrem suores e lágrimas,
latejando agrilhoados,
de correntes amedrontados:
já não têm luz nem cor
e arrastam-se ali à toa
no chão prenhe de tantos nada
e de tantas dores...

REMINISCÊNCIAS -2-

Trago na alma
uma cruz de rebelião,
em mim acordam ecos falidos
de dores e ódios,
amarguras e tristezas,
tudo amassado e guardado
sob o peso de muitas solidões
e bem trancado à chave,
bem fechado a mil grilhões...

Trago na alma
o arrastar da escravidão
nos pelourinhos do tempo
onde ardem fogueiras,
se erguem vozes e bandeiras
no acinzentado do além...
Um clamor de árias
vem do fundo dos séculos
bater-me à porta da rua
e nas tormentas
das naves perdidas
erguem-se ainda alaridos
de tanto desprezo e desdém.

REMINISCÊNCIAS -3-

Trago na alma a chama viva
do chicote a bramir na escravidão
e mil gemidos e revoltas,
tudo amassado com fermento
da míngua de muitas vidas
sequestradas nas entranhas
esfaceladas de tanto sofrer
em vão, em cada madrugada...
Escorre sangue em brasa
das minhas entranhas
esmagadas em passados
agrilhoados sem futuros
e as ténues réstias de sol
abrem sulcos amargos
por entre tanta revolta
e tanta aberração,
que as flores, os ventos, os riachos
e os frutos se juntam
velando meu corpo inerte,
à beira de tanta maldição...
Trovões, relâmpagos
de manhãs enegrecidas
em vivências tenebrosas
dos instantes há muito perdidos
rebentam em vulcões de raiva
nas feridas abertas,
esquartejadas por carrascos
que a eternidade
ainda não consumiu...

7-1998

RESTOS

Já conheci
muitos mundos,
naveguei muitos mares,
subi muitas estrelas...

Meus sonhos,
meus fados,
por costas e prados,
planícies e serras,
por aí esfumados,
foram caindo aos bocados
na sementeira de reveses
dos meus pecados

e, quedada,
no meu canto,
fui-me ficando
sozinha, na estrada,
à beira dos caminhos
que trilhei,
noutras eras,
noutras praças
cheias de Primaveras...

Mas os ventos
vindos do destino
d'além fronteiras,
varreram
com desdém
meu sofrer,
meus gritos
que já nada têm
de vida ou alegria...

bibRIA

Assim no canto,
abatida,
coberta de desilusão,
o último sonho
se foi
e nunca mais voltou
ao aconchego
da minha mão!

13-3-1999

A JIMOR

SONHOS
TRAÍDOS EM VÃO,
ALÉM DO TEMPO

bibRIA

bibRIA

A TIMOR

Vão caindo
as pétalas da esperança
e o chão é já cinza...

Aqui e ali
respingos
de uma última gota
ainda gritam
no sangue do capim...

Mas a alvorada
é folha morta
no coração já inerte...
Tudo a finir,

mas ainda à porta
de um qualquer porvir
que tarda no horizonte...

.....
Paira a noite
na chama da esperança
e as feras saíram,
afiando os dentes da vingança
e num banho de sangue,
na noite longa e fria,
tragaram tudo o que havia:
dentes rilhando a dor,
bocas, riso, juventude em flor...
Choveu metralha infernal,

rasgando teu corpo, tua alma, ó Timor...
E da terra ensanguentada,
deserta, queimada,
as sementes do sonho
perderam o viço,
murcharam, secaram,
não deram nada!

bibRIA

9-1999

Ó TIMOR, TIMOR! CORPO – DELITO - GRITO DE DOR

Das falésias do medo
ergueram-se os monstros da destruição,
nas praias negras do desespero
choveu o ódio, a metralha... indignação...
e os olhos cansados do martírio,
rasando folhas verdes de esperança,
vão esperando em cada lírio,
o final de tão bárbara matança...

Na tarde lenta daquele sonhar,
o povo abandonado
no azar da encruzilhada,
vai sorvendo em gotas altas de luar,
taça lúgubre cheia de nada,
extravasada de tanto padecer
no corpo, na alma,
tão sofrida e massacrada,
que os gritos das palmeiras,
erguidos aos céus,
no ritmo aberto das fileiras,
aguardam exangues
numa última réstia de amor,
tua raíz, teu galho novo,
ó nação sagrada, mãe do povo,
genocídio e tragédia,
no sonho ainda em flor,
cortado na haste da terra – Timor,

chacinado ao frescor
do alvorecer!
Ó Timor, Timor!
Brilho da luz no túnel,
palco da nossa vergonha,
chacina no coração,
cruel massacre do sol nascente!
Desumano, quem não sente
teus gemidos que a razão,
abafada e queimada,
pisada na tua solidão,
tanto tardou em acordar...

Ai Timor, canção verde
em flor,
teu clamor de vida
em toda a terra
perdida e confundida
com tanta ambição, tanta guerra!
Ai Timor, Timor!...
Nas labaredas da tua alma,
o canto louro da campina
acorda montanhas onde o grito
salpicante da chacina
ecoa nos ramos da tragédia!...
Ai Timor, Timor!
quando voltará teu sorriso,

quando enxugarão teus olhos?

O que foi preciso penares,

terra massacrada,

terra queimada,

mãe – pátria

de um futuro

filho de tão duro presente,

que o teu sangue quente,

na tua alma aflita fica

desfeito em mágoa,

amassado em dor...

Ai Timor, Timor,

tens de renascer

das fendas e das fragas

do medo, da fúria do terror,

erguido de pé

no promontório do sangue

ou no mistério da fé

onda – porta de luz;

no martírio da tua cruz,

é preciso erguer outra vez

a tenda do sonho, com altivez,

na manhã do porvir

que os raios do sol nascente

hão-de dourar e florir

para sempre

tua montanha firme,
teu querer de verdade
porque o farol da liberdade
não se apagará jamais
e do inferno
dos teus ais,
hás-de renascer,
Timor,
povo livre,
gesta em flor...
O mundo
das tuas mãos de silêncio,
amargo e doce,
onde a poesia do tempo
foi sepultada, tua sina
há-de ressuscitar teu valor,
desfraldando na voz do vento
teu sentimento de paz e amor
na liberdade conquistada
e banhada no teu sangue, ó Timor,
Timor!
Bandeira mensageira,
voz primeira,
para sempre, Timor!

14-9-1999

SONHO-LITERATURA

Entre o sonho e a literatura
há um espaço comum:
os sonhos criam o sonho,
e a literatura os interpreta,
mas não os cria.

MAS...

A VIDA FLORESCE...
E SEMPRE CONTINUA
NA REALIDADE DE CADA
ESQUINA,
DE CADA INSTANTE...
AO RITMO DO TEMPO

bibRIA

SONHO-LOUCURA

Entre o sonho e a loucura
há um espaço fugidio:
os loucos sonham sempre,
só às vezes os ajuizados
são lunáticos sonhadores,
mas os sonhos que são loucos
puxam os que gostam de sonhar!

E nos passos escorregadios
cai-se às vezes nos extremos
e acaba-se no manicômio
de um qualquer albergue
onde os sonhos abafados
já não gritam nem doem
porque os loucos são loucos
e a sua razão é a loucura
de fugirem ao real e ao certo
e abalarem nas asas
de qualquer sonho
que os lança além da realidade!

A SONHAR

Uma gaivota no ar,
com asas brancas de sonho
ao luar, volteia, volteia
por sobre as águas a bailar...
E do seu corpo de sonhar,
com asas de fogo a bailar,
saem gritos estridentes
que acordam os inocentes,
afligem os pescadores
e todos os que buscam
um bocadinho de amor...
De sangue seu pulsar
no coração a arder,
erguem-se sonhos de luar
e com asas a abanar,
sangra da gaivota
seu coração d'encantar
e acorda em redor
tudo o que mexe,
tudo o que tem vida
e se fica na praia perdida
a meditar na ilusão
de guardar todos os sonhos
dentro do seu coração!...

E com asas a bailar,
com sonhos a soluçar,
parte-se a brisa do mar,
acorda a maresia
e do sonho e da fantasia
não resta mais que sonhar
e ficar assim para sempre,
preso ao presente,
sem passado nem futuro,
no areal abandonado,
sonhando um sonho alado
que derrube qualquer muro
que além nos separa
do presente e do futuro!!!

PRAIA DA GALÉ

O mar liso, azul, quieto,
toalha posta onde as gaivotas
debicam sem cessar
e das asas das nuvens,
flocos presos de luar
vêm espreitar com jeito
a mesa posta
nos quatro cantos do mar.
Lá muito em cima,
o sol, guarda-sol lunar,
afaga com mansidão
a mesa posta de azul,
doirando de luz
os convivas sentados
nas ondas breves
da bonança, criação
esperando a maré
do barco do futuro
que um dia chegará
aqui, à praia da Galé.

bibRIA

BUGANVÍLIAS NO CIMO DO GRANDE PRÉDIO

As buganvílias
vermelhas,
braços fortes,
duros, esguios,
abraçando
tormentos
abafados de amor
e lágrimas
suadas
nas lides duras
da argamassa
do amanhecer!...
Vermelhas de fogo,
de sangue, de raiva,
revolta, punhos
cerrados, eivados
de desespero,
nas mãos calejadas
do Zé Ninguém
que sozinho
as plantou
no cimo,
no alto do seu sonho
e se finou
na solidão
do seu desgosto
sempre perdido,
sempre em vão!

5-1998

GEOMETRIA

Entrei na geometria das cores...

Devagar como quem

abre caminho...

quadrado de folhas

e triângulo de flores

caíam de mansinho

na berma de

cada ponto de interrogação

e circunferências

de arco-íris

borbulhavam nas veias do azul

rasgando a escuridão!

Juntei dois mais dois no papel

e do quadrado fiz um anel

com serpentinas de luar...

Do triângulo

guardei a recordação

e de toda a geometria

assim apreendida

perfiz da vida

uma recta de ilusão...

De triângulos
e quadrados
arranjei uma canção
que lancei ao vento,
enquanto aprendia
a somar linhas
e pontos
de cada orçamento...

E de solução
restam as flores,
as cores, os sons
e as aguarelas

de tons róseos
e amarelos,
perfumados a violetas,
num espaço qualquer,
de muito sonho
para eu viver!

bibRIA

CIDADE ORVALHADA

Um manto orvalhento
agarrou a cidade
e os pinguinhos de prata
pingam saudades e dor
por sobre este amanhecer
vazio de ternura e amor...
Nos olhos abrem-se flores,
olhando futuros de nervos,
de tempos que hão-de vir,
e neste frenético ir e vir,
cada pessoa é um grito
com palavras carregadas
de água e humidade...
E a cidade abafada,
calada, acomodada,
tenta em vão erguer
a voz de um queixume
na espuma de barcos
perdidos na ressaca
das marés de cada sofrimento,
que o vento num lamento
começa a levantar
e vai espalhando
nesta manhã vazia
a tossinhar azedumes
e a sofrer negrumes

nas pernas bambas
de cada transeunte...
E, por entre a neblina,
o sol lá no levante,
mostra um rosto atrevido,
mas que se fica envergonhado,
abatido e a neblina continua
abafando a multidão
absurda, calada,
gemendo raivas e
constipações desregradas...
Canseiras, decepções
carregam a cor da neblina
e a vida esguia e solta
paira no ar de cada ser
onde os ódios gritam
e chamuscam as rosas
dos desejos de justiça,
de paz, de salubridade.
Mas a cidade debruçada
sobre a ria da madrugada,
sacode às janelas
os lixos e os azimutes
e num esforço gigante,
agarra este instante
e ergue a voz possante

10-1998

CIDADE ORVALHADA

e carregada de razão:
eu sou embarcação
que vence todo o nevoeiro
porque eu sou farol, eu sou a
doce Aveiro!

bibRIA

VINDIMA

Olha os cachos loiros!
Como entoam canções!...
A vida é uma festa,
unindo nossos corações...
Cesto em punho
e alguidar,
balde de incertezas
na flor do mar!
As vindimadeiras,
rosto encarnado,
abrindo as leiras,
vindimam alegrias,
dores e cansaços,
braços roliços de magias
nas esperanças
do vinho mosto
que o sol posto
da nossa devoção
vai beijando...
Enquanto vão
no ar as ilusões
sonhadas na lavoura
da terra-mãe,
sem descanso,
sem graça,
ao acaso,
no vinho novo,
bebido no destino de cada taça!

9-1999

HOJE

Hoje quero roubar
o brilho do luar,
quero trazê-lo
p'ró meu caminho,
para me alumiar!...

E com ele sozinho
vou navegar
no teu corpo
de ver o mar
e no sete estremo
daquele céu a raiar!

Vou bater as asas,
vou rir, vou cantar,
vou crescer e voar
no teu riso sereno,
no teu olhar a brilhar,
numa festa contínua,
cheia de perfumes
de papoilas a sangrar!...

Atiradas ao ar
desse chão, desse mar
e nele assim ficar
quieta, enrolada
no teu véu de ver o mar
e o sete estremo a brilhar...

Asas soltas ao vento,
meu vestido de maresia
vai comigo a cantar
este momento, este dia
em que eu e tu,
tu e eu
sozinhos no mundo,
qual ignoto vagabundo
sem ouvir, sem ver,
sem cheirar, nem perceber...
abraçados, abraçados
com a alma cheia
de riso no coração
e no canto de sereia
a chama do vulcão!

BIOD

bibRIA

ÍNDICE

NOTAS DE INTRODUCCIÓN

ANEXO I: AGUAS Y CLASIFICACIÓN DE NORMAS

ANEXO II: DENTRO DE ASEM

ÍNDICE

ÍNDICE

bibRIA

INDEX

bibRIA

ÍNDICE

NOTA JUSTIFICATIVA	5
APRECIÇÃO DO LIVRO DE POEMAS	7
VIAGEM DENTRO DE MIM	17
PROCURO-ME	21
À MARGEM DA VIDA	23
EU	25
EU E AS SOMBRAS	26
MEDOS	28
INCONGRUÊNCIA	29
PORQUÊ?	31
QUEM SOU EU?	32
DILUÍDA	35
ENVOLVÊNCIAS	37
AMAR!	39
INSATISFAÇÃO	41
CANTO DAS COISAS	42
SONHOS ESFARRAPADOS	44
UTOPIAS	45
ENTARDECER	46
AOS BOCADOS	47
CALENDÁRIO	48

NA ESPERANÇA DOS DIAS CLAROS	51
NATAL DE 1995	53
SE A VIDA... ..	58
O CONCERTO	60
DO CONCERTO	64
OÁSIS -1-	69
OÁSIS -2-	70
PRIMAVERA	71
A SEMENTEIRA	72
NA MINHA ALDEIA	73
MEIA NOITE	74
LAMPEJOS	76
OS DENTES DELA	77
UM PAR DE NAMORADOS	79
OS OLHOS DELA	81
LONGE, LONGE	82
MENINA FLOR DE LINHO	83
NO PAREDÃO	85
LAUDE	87
NA VIDA SEM TEMPO... SONHOS, ILUSÕES E DEVANEIOS	89
QUANTOS?	91
CONTRASTES	96
ENTARDECER -1-	97
PRAIA	101

AGOSTO	102
AOS VIV'ARTE	103
DEVANEIOS	106
SENTIRES	107
FIAPÓS DE SONHO	108
NA AREIA	109
MESCLA	110
PAPÉIS	111
FORA DO TEMPO	
FASCÍNIO DAS LONJURAS...	
PEQUENAS ILHAS NO MAR DA VIDA!	113
FÚRIA DO MAR	115
(A CAMINHO DE LAMBALLE) -1-	116
(A CAMINHO DE LAMBALLE) -2-	117
(A CAMINHO DE LAMBALLE) -3-	118
(A CAMINHO DE LAMBALLE) -4-	119
(A CAMINHO DE LAMBALLE) -5-	121
PARTIDA DE LAMBALLE	123
DESPEDIDA DE LAMBALLE	124
A VIR DE LAMBALLE	125
NA MÃO DO TEMPO SEM AMOR GRATUITO	
TRAVO	129
ENGANOS E DESILUSÕES	130
VIÇO	132

ESPERA	133
VAIVÉM DO DIA A DIA	135
CHORO	137
TUDO SE FOI	138

➤ ÁREAS DE TEMPO DORES, AMARGORES

E REVOLTAS	139
------------------	-----

QUANDO A MEMÓRIA DÓI.....	141
ENTARDECER -2-	143
REVOLTA.....	145
COMO EU SINTO.....	147
DOR DE MENINOS.....	151
QUADRO DE DOR.....	154
MENINA SER!.....	157

UNIDADES DE INCIDÊNCIA. SUFOCOS.	159
---------------------------------------	-----

SÓ.....	161
---------	-----

SENTIR DO EGO	162
---------------------	-----

VÃO-SE OS NETOS	164
-----------------------	-----

ELE.....	166
----------	-----

SOLIDÃO COM VIDA	167
------------------------	-----

SEM TEMPO...

SANGUE CARREGANDO HISTÓRIA	169
----------------------------------	-----

PÁSSAROS DO TEMPO	171
-------------------------	-----

INFERNOS	172
----------------	-----

REMINISCÊNCIAS -1-	174
REMINISCÊNCIAS -2-	175
REMINISCÊNCIAS -3-	176
RESTOS	177
 SONHOS TRAÍDOS EM VÃO, ALÉM DO TEMPO	 179
 A TIMOR	 181
Ô TIMOR, TIMOR! CORPO - DELITO - GRITO DE DOR	183
 MAS... A VIDA FLORESCE... E SEMPRE CONTINUA NA REALIDADE DE CADA ESQUINA, DE CADA INSTANTE... AO RITMO DO TEMPO	 187
 SONHO-LOUCURA	 189
A SONHAR	190
PRAIA DA GALÉ	192
BUGANVÍLIAS NO CIMO DO GRANDE PRÉDIO	195
GEOMETRIA	196
CIDADE ORVALHADA	198
VINDIMA	201
HOJE	202

Palavras à mão dos sonhos.
Palavras que doem, fustigam o
peito e dilaceram a alma que, em
vão, chagada e exangue, se vai
debatendo nas labaredas acesas
do fogo da exaltação.

Enquanto os sonhos bailam,
bailam, batem as asas e loucos
se evaporam por entre etéreas
irrealidades desventradas nas
encruzilhadas de voláteis e aéreos
pensamentos....

bibRIA

